



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

MARIANE SILVA DE OLIVEIRA

**A DINÂMICA DO ENVELHECIMENTO E A AUTOESTIMA DA PESSOA IDOSA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

**CAMPINA GRANDE
2023**

MARIANE SILVA DE OLIVEIRA

**A DINÂMICA DO ENVELHECIMENTO E A AUTOESTIMA DA PESSOA IDOSA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Mariane Silva de.
A dinâmica do envelhecimento e a autoestima da pessoa idosa [manuscrito] : uma revisão sistemática / Mariane Silva de Oliveira. - 2023.
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Idoso. 2. Autoestima. 3. Psicologia. I. Título
21. ed. CDD 150

MARIANE SILVA DE OLIVEIRA

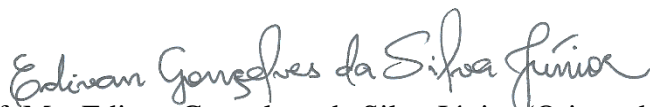
**A DINÂMICA DO ENVELHECIMENTO E A AUTOESTIMA DA PESSOA IDOSA:
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas

Aprovada em:01/12/2023

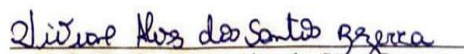
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Dra. Viviane Alves dos Santos Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, Maria, à minha irmã, Ariane, à minha
sobrinha, Heloá, pela construção, suporte, amparo e
amor, DEDICO.

Existem seis mitos sobre a velhice: a) Que é uma doença, um desastre; b) Que somos estúpidos; c) Que não transamos; d) Que somos inúteis; e) Que somos impotentes; e f) Que todos somos iguais.

- Maggie Kuhn

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	MÉTODO.....	11
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
3.1	Metodologias Utilizadas Para O Estudo da Autoestima e Recortes Amostrais.....	14
3.2	Fatores de Fomentação da Autoestima Para Sujeitos Idosos.....	19
3.3	Relação Entre Autoestima e Qualidade de Vida.....	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24
	AGRADECIMENTOS.....	26

A DINÂMICA DO ENVELHECIMENTO E A AUTOESTIMA DA PESSOA IDOSA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

THE DYNAMICS OF AGING AND THE SELF-ESTEEM OF ELDERLY PEOPLE: A SYSTEMATIC REVIEW

Mariane Silva de Oliveira¹

RESUMO

O processo de envelhecimento confere aos sujeitos alterações nas esferas físicas, psicológicas e sociais que desafiam as trajetórias individuais numa dinâmica existente entre lidar com o próprio envelhecimento e, não menos importante, com a dinâmica social que está atrelada ao contexto cultural da velhice. A autoestima diz respeito à capacidade intrínseca ao ser humano de se auto avaliar, positiva ou negativamente, em desempenho, valores, satisfação, como também, expectativas e ainda reflete na forma que o sujeito enxerga a si próprio, aos outros e ao mundo, além de influenciar sua atitude e conduta frente aos eventos inerentes à vida. Entendendo que a autoestima, quando alinhada positivamente, pode contribuir de forma assertiva para o processo adaptativo do sujeito, deve-se compreender as nuances desse construto dentro do processo de envelhecimento. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho assumiu como objetivo principal analisar, por meio de uma revisão sistemática, quais os fatores que podem contribuir para a promoção da autoestima em pessoas idosas. Direcionado a isso, realizou-se pesquisas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS-MS), utilizando dos seguintes descritores: idoso, autoestima, velhice e envelhecimento. Uma vez aplicado os critérios de exclusão e inclusão, foram selecionados 9 artigos para integrar a revisão, os quais foram analisados a partir de três categorias (1) Metodologias utilizadas para o estudo da autoestima e recortes amostrais; (2) Fatores de fomentação da autoestima para sujeitos idosos; (3) A relação entre autoestima e qualidade de vida das pessoas idosas. No que tange aos fatores que contribuem para a promoção da autoestima em idosos, foi possível identificar que marcadores sociais são pouco explorados no contexto de estudo, e as amostras de participantes tendem a homogeneizar o grupo de idosos. As experiências de socialização vivenciadas a partir da integração em grupos assumiram destaque nas avaliações. Foi possível identificar determinada escassez no que tange a pluralidade das produções que abordam a temática. Os artigos encontrados e analisados, majoritariamente, abordam e relacionam os temas por um viés mais voltado à saúde física e para o processo de reabilitação. Assumindo que a autoestima é um construto que atravessa a esfera psicossocial faz-se necessário abordagens mais amplas que possam oferecer uma avaliação crítica das condições socioculturais que interferem nas relações intra e intersubjetivas dos sujeitos com a sua autoestima ao se depararem com os signos do envelhecimento e da velhice. Desse modo, espera-se que outros autores possam inclinar-se sobre a temática a fim de diversificar e expandir as discussões.

Palavras-chave: envelhecimento; idoso; autoestima; autoimagem; autoconceito.

¹ Graduanda do curso de Psicologia. E-mail: marianesilvaoliveira8@gmail.com

ABSTRACT

The aging process is part of the conventional course of human development and progresses causing organic, structural and chemical changes to the organism, its inherent changes affecting mainly physical, psychological and social functions. Self-esteem concerns the human being's intrinsic ability to evaluate themselves, positively or negatively, in terms of performance, values, satisfaction, as well as expectations and also reflects on the way the subject sees themselves, others and the world, in addition to influence your attitude and conduct towards the events inherent in life. Understanding that self-esteem, when positively aligned, can contribute assertively to the subject's adaptive process, we sought to understand the nuances of this construct within the aging process. From this perspective, the main objective of this work was to analyze, through a systematic review, which factors can contribute to promoting self-esteem in elderly people. Towards this end, research was carried out in the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and Virtual Health Library of the Ministry of Health (BVS-MS) databases, using the following descriptors: elderly, self-esteem, old age and aging. Once the exclusion and inclusion criteria were applied, 6 articles were selected to integrate the review, which were analyzed based on three categories (1) Methodologies used to study self-esteem and sample sizes; (2) Factors that promote self-esteem for elderly subjects; (3) The relationship between self-esteem and quality of life in elderly people. Regarding the factors that contribute to the promotion of self-esteem in the elderly, it was possible to identify that social markers of education, ethnicity and sexual orientation take a prominent place in this dynamic, just like the socialization experiences experienced through integration into groups. It was possible to identify a certain scarcity regarding the plurality of productions that address the theme. The articles found and analyzed, for the most part, address and relate the themes from a perspective more focused on physical health and the rehabilitation process. Assuming that self-esteem is a construct that crosses the biopsychosocial spheres, it is necessary to have broader approaches that can also affect these other places. In this way, it is hoped that other authors can focus on the topic in order to diversify and expand the discussions.

Keywords: aging; elderly; self esteem; analysis. self concept.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno em ascensão desde 1950, com intensificada expressão no decorrer do século XXI (Alves, 2019). Para Oliveira (2019), esse acontecimento decorre de dois eventos que aparecem de forma simultânea: a redução do número de nascimentos e a queda da mortalidade. De acordo com Caldas e Guerra (2010), é possível observar que há cerca de quatro décadas tem acontecido o aumento da população idosa, particularmente nos países em desenvolvimento, circunstância que envolve o Brasil. No ano de 2018, Soares et al. estimaram que, em 2025, a população idosa brasileira chegaria a marca de 30 milhões de pessoas, correspondendo a 15% da população geral. Todavia, os dados mais recentes disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir do censo demográfico do ano de 2022, apontam que essa expectativa foi superada três anos antes do previsto. Correspondendo a um acréscimo de 56,0% em relação à população recenseada em 2010, atualmente, a população idosa brasileira corresponde a 32.113.490 pessoas, representando 15,8% da população total (IBGE, 2023). Esse advento abre precedentes para a

necessidade de expansão dos conhecimentos acerca do processo de envelhecimento e das modificações provocadas por ele.

Segundo Andrade, Bueno e Santos (2009), o processo de envelhecimento é parte do curso convencional do desenvolvimento humano e avança provocando alterações orgânicas, estruturais e químicas ao organismo. As autoras ainda ressaltam a influência do meio externo nesse decurso, postulando que os fatores ambientais e socioculturais que recaem sobre o sujeito podem influenciar na direção de seu curso, refletindo em um processo de envelhecimento sadio ou patológico. As mudanças provocadas pelo envelhecimento incidem principalmente sobre as funções físicas, psicológicas e sociais. É esperado que fisicamente aconteça lentificação, diminuição do funcionamento corporal e da eficácia regulatória, na esfera psicológica ocorrem reduções nas capacidades de resposta, memória e motivação, e socialmente, a principal mudança está no exercício do papel social e no status em relação aos outros (Cancela, 2007).

Esses rearranjos ocasionados pela senescência são comumente encarados, principalmente pelo meio social, como algo necessariamente negativo mesmo que o processo de envelhecimento não seja patológico por natureza. Motta (2006), coloca que a velhice é amplamente associada à decadência, e não apenas a desgaste e derrocada física, mas também à doença e dependência. Essa perspectiva generalista e preconceituosa sobre o envelhecimento pode ser atribuída à insuficiência de informação a respeito do processo, esses significados compõem estereótipos que podem resultar na exclusão dos idosos perante a comunidade (Caldas; Guerra, 2010).

Apesar de seu caráter universal, o processo de envelhecimento não é homogêneo, pois é diretamente influenciado por determinantes que podem acelerar ou retardar seus efeitos sobre o organismo. Palácios (2004), discute que o envelhecimento encontra distinções internas, não decorrendo igualmente para todas as funções, e externas, sendo particular para cada pessoa. Isso posto, não existe um idoso “típico”. A diversidade das capacidades e necessidades de pessoas idosas não é aleatória, e sim resultado de eventos que ocorrem ao longo de todo o curso da vida (Chan, 2015). Ainda de acordo com Chan, esses eventos podem ser reorganizados, o que ressalta a importância em considerar o ciclo vital do sujeito para se compreender o processo de envelhecimento, porque este encontra-se inserido em determinado contexto, além de apontar para a possibilidade de se realinhar o processo por meio de novos eventos. Conforme postula Crimmins (2015), mudanças comportamentais e de estilo de vida podem aplacar os efeitos do envelhecimento e, assim, preservar as funções que declinam por conta do avanço da idade.

Envelhecer é considerado um processo que dispõe de particulares níveis de capacidade adaptativa, benefícios e características favoráveis ao desempenho de atividades (Araújo; Amaral; Sá, 2011). Partindo dessa afirmação é possível supor que alguns fatores inerentes ao desenvolvimento humano, que encontram seu desenrolar ao longo da vida, acompanham o curso do envelhecimento sendo influenciados não só pelo processo em si, mas também pelas experiências vivenciadas de acordo com as possibilidades de cada sujeito, e dentre esses fatores podemos pensar na autoestima. Conforme o pensamento de Tessmer et al. (2006), a capacidade de autoavaliação é um desses elementos, pois é ressignificada ao longo de toda a vida de acordo com a dinâmica do ambiente que o indivíduo está inserido.

A autoestima diz respeito à capacidade intrínseca ao ser humano de se auto avaliar, positiva ou negativamente, em desempenho, valores, satisfação e expectativas. Tal aspecto reflete na forma que o sujeito enxerga a si próprio, aos outros e ao mundo, além de influenciar sua atitude e conduta frente aos eventos inerentes à vida (Aprile; Schultheisz, 2013). As autoras

ainda estipulam que a autoestima pode ser considerada um importante indicador de saúde mental devido a sua interferência nas condições afetivas, sociais e psicológicas do indivíduo.

Constituindo-se de forma complexa e plural, a autoestima dispõe de dois construtos principais, a autoimagem e o autoconceito, que mutuamente interagem como fomentadores no processo de construção, classificação e manejo da autoestima. A autoimagem diz respeito à forma como o indivíduo se vê, acerca de sua aparência e funcionamento, frente ao mundo e essa representação o guiará em suas iniciativas. Vasconcelos (2017) destaca o caráter dinâmico e subjetivo presente na concepção de autoimagem, configurando-a como uma organização interna de si, composta por dados extrínsecos da realidade e por auto percepções subjetivas. O autoconceito é central na definição de como o indivíduo percebe e avalia seus comportamentos, ele é delineado por normas culturais, valores e crenças (Gouveia et al., 2005). De acordo com aspectos da Psicologia Social, o autoconceito se alinha ao modo como o sujeito compreende-se pessoalmente, na diversidade de sua imagem como também de seus comportamentos, e, a partir disso, descreve a si mesmo.

O processo valorativo, que corresponde à autoestima, inevitavelmente encontra-se perpassado por uma métrica binária de avaliação, podendo ser positiva ou negativa. Para Giraldo e Holguín (2017), uma configuração positiva ou negativa da autoestima é determinada a partir da confluência de três componentes específicos sendo estes afetivo, comportamental e cognitivo. Nessa perspectiva o componente afetivo diz respeito ao afeto que o sujeito delega a si mesmo, o componente comportamental vincula-se às intenções que o sujeito possui no momento de sua ação e, por fim, o componente cognitivo abriga as representações, crenças e ideias que o sujeito possui de si mesmo nos diferentes momentos e cenários de sua vida (Martínez, 2010).

O desenvolvimento da autoestima é gradativo, tendo seu início na infância e transversalizando as outras etapas do ciclo vital, desse modo, os aspectos auto avaliativos podem se manifestar de forma particular em cada etapa (Giraldo; Holguín, 2017). Partindo dessa ótica, pode ser plausível assumir que a autoestima se constrói de forma dinâmica e flexível, modificando-se e ganhando novas nuances a cada fase do desenvolvimento vital. De acordo com o pensamento de Davis e Franco (2011), esse dinamismo é produto do aspecto social que atravessa a construção da autoestima, segundo essa perspectiva, a autoestima se constrói a partir das relações sociais e, por isso, está sujeita a mudanças.

A autoestima de adolescentes e jovens está mais sujeita às influências externas do que a de pessoas idosas, isso pode ser atribuído às características sociais próprias do envelhecimento (Felicíssimo et al., 2013). Os autores defendem esta afirmativa postulando que os idosos dispõem de uma rede social reduzida e, conseqüentemente, com menos interações, desse modo o fator social, presente no processo de construção da autoestima, perde um segmento da sua relevância. Há uma forte problemática nesta alegação, porque ela expressa uma visão obsoleta acerca do sujeito idoso indicando que este, naturalmente com o avançar da idade, empobrece seu círculo social a fim de evitar as interações. Colocações dessa ordem podem funcionar como fomentadores para a manutenção de determinados estereótipos sociais que precisam ser superados.

Seguindo na perspectiva da autoestima de pessoas idosas, Pariol et al. (2019), trazem contribuições muito pertinentes ao abordar a temática. Na opinião deles, a autoestima, para o sujeito idoso, funciona como ferramenta crucial para seu desenvolvimento e bem estar pois, quando alinhada positivamente, fomenta a independência e auto realização, aspectos que podem facilitar as condições para se atravessar os declínios e perdas do processo de envelhecimento.

Além disso, assumem a autoestima elevada como fator preventivo para um envelhecimento sadio, além de ser um indicador de saúde mental.

Os autores ainda abordam a concepção alternativa para essa construção, trazendo discussões acerca dos possíveis danos que uma autoestima diminuída pode provocar ao sujeito idoso. A baixa autoestima pode causar fobias, dificuldades interpessoais e de adaptação, adoecimentos emocionais, entre outros problemas de cunho psicológico (PARIOL et al., 2019). Pode-se pensar que a baixa autoestima é uma característica comum das pessoas que se sentem inadequadas consigo, com os outros e com a vida em geral.

Produções científicas recentes abordam a autoestima de pessoas idosas de formas diversas, mesclando entre uma abordagem subjetiva, voltada para como uma autoestima boa pode auxiliar o sujeito idoso a enfrentar suas demandas afetivas, e uma mais tangível, na qual enfatiza a fisicalidade bem como o desempenho corporal e discute o papel da autoestima na forma como esse sujeito enxerga-se em seu aspecto corporal e desempenho.

Silva Júnior e Eulálio (2022), levantam reflexões bastante assertivas ao apontar a influência que a autoestima exerce sobre o processo de construção da resiliência em idosos. Para os autores, a habilidade de resiliência é fundamental para que o sujeito, em seu processo de envelhecimento, se mantenha flexível e adaptativo frente às modificações e perdas, mas também consciente e receptivo em relação aos ganhos trazidos pelo envelhecer. Em consequência do ajustamento pessoal às novas demandas do envelhecimento, a autoestima figura como um indicador que deve ser considerado na avaliação da resiliência em idosos. Espaços que funcionam como facilitadores de diálogos e de interação social podem nutrir o sentimento de valorização do idoso e conseqüentemente elevar sua autoestima e autoeficácia, aspectos fundamentais para a promoção da resiliência. (Silva Júnior; Eulálio, 2022).

Carvalho e Santos (2020) discutem acerca da importância e influência que as ocupações, em específico a dança de salão, desempenham sobre a autoestima dos idosos. As autoras abordam que a prática da dança de salão surte efeitos muito positivos sobre a saúde, sexualidade, contato social e autoestima. Segundo elas, a dança pode agir como fator de prevenção para determinados declínios que ocorrem na autoestima durante a velhice. É comum que, em decorrência do envelhecimento, aconteça a redução da autoestima por efeito da falta de vínculos e papéis sociais, a dança pode ser uma prática preventiva de tais fatores relacionados à autoestima dos idosos (Carvalho; Santos, 2020).

O entusiasmo por estudar essa temática surgiu do interesse em compreender as nuances da autoestima em pessoas idosas, uma vez que o imaginário social contemporâneo lida com modificações constantes em relação a uma representação anterior estigmatizada e negativa em relação à pessoa idosa, quando no momento atual a interação com novos elementos representacionais aponta novas possibilidades para a pessoa idosa, o que nos convoca a repensar a imagem do ser idoso. Enquanto intento, o presente trabalho toma como objetivo principal analisar, por meio de uma revisão sistemática, quais os fatores que podem contribuir para a promoção da autoestima em pessoas idosas. Também foram analisados os modos de avaliação da autoestima empregados nos estudos com pessoas idosas. A justificativa para a construção ancora-se sobre duas bases. Primeiramente, na potencialidade de colaboração com o aumento de produções científicas sobre esse tema em específico, ponto que durante a fase de pesquisa mostrou-se escasso ou insuficiente, e em segundo plano, no possível aprimoramento da percepção que se tem sobre autoestima e envelhecimento.

2 MÉTODO

O estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura com natureza descritiva, que assumiu como objetivo geral analisar quais os fatores que podem contribuir para a promoção da autoestima em pessoas idosas. Para Galvão e Ricarte (2002), revisão sistemática é uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos buscando entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto.

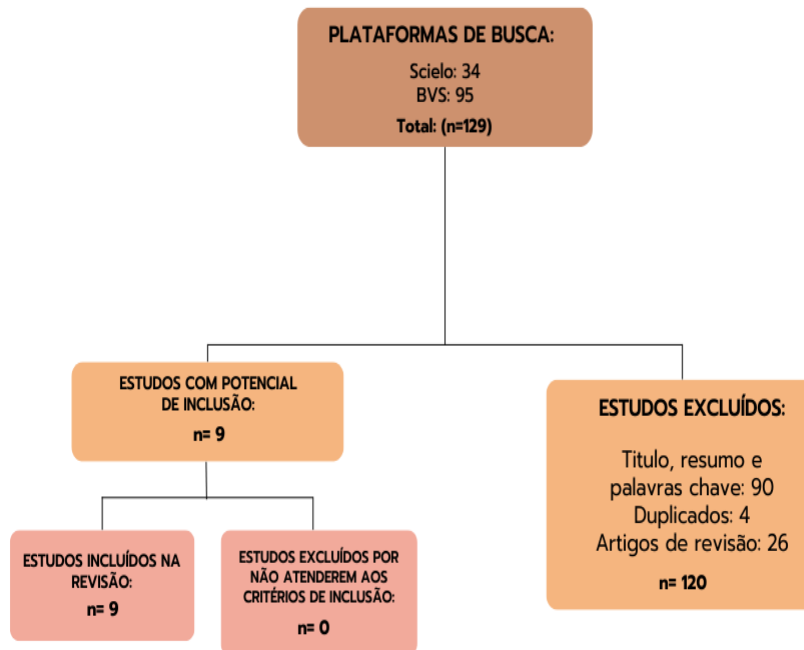
A seleção dos artigos aconteceu no decorrer do mês de março de 2023, utilizando como base de dados as plataformas Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS-MS), utilizando dos seguintes descritores: idoso, autoestima, velhice e envelhecimento, combinados, a partir do operador booleano “AND”, da seguinte forma: envelhecimento and autoestima, velhice and autoestima e idoso and autoestima. Para além das bases de dados mencionadas, foram realizadas pesquisas complementares por meio do Google Acadêmico e das plataformas governamentais Portal do IBGE e Ministério da Saúde.

Foram aplicados como critérios de inclusão: (1) artigos científicos em língua portuguesa, datados dos últimos cinco anos, de 2018 a 2022, (2) artigos que continham em seu título, resumo e/ou palavras-chaves os descritores mencionados, (3) artigos provenientes de estudos de campo e que abordavam diretamente a problemática da autoestima em pessoas idosas. Os critérios de exclusão foram aplicados seguindo a pospositiva métrica: artigos anteriores ao ano de 2018, produções de monografias, dissertações e teses, livros, artigos de revisão, artigos duplicados e com menções superficiais acerca do critério de análise, qual seja, a autoestima, além de produções indisponíveis para acesso integral de forma gratuita.

A princípio, realizou-se, nas bases mencionadas, uma busca a fim de selecionar por título, resumo e palavras-chave, produções potencialmente aptas a integrar a revisão. Após realização da triagem inicial, foi encontrado um total de 129 artigos, a aplicação preliminar dos critérios de exclusão foi responsável por eliminar 120 produções, aqueles 9 restantes que, de forma precedente, atingiram os critérios de inclusão foram averiguados de forma completa, a partir disso, constatou-se a aptidão em integrar a presente revisão, dessa forma, a composição final da amostra conta com 9 artigos a serem analisados. A figura 1 sintetiza o processo de seleção dos artigos.

Os artigos que compuseram a amostra foram detalhadamente examinados em todo seu escopo metodológico, meio que possibilitou a organização e categorização dos resultados referentes a cada parte amostral. Para que se pudesse obter um resultado satisfatório e que atingisse o objetivo principal, os artigos foram analisados a partir da Análise de Dados Temática seguindo a perspectiva de Bardin (2016). Laurence Bardin, renomada autora na perspectiva da Análise de Conteúdo escreveu o livro, amplamente divulgado, “Análise de Conteúdo”, no qual a autora destrincha de forma minuciosa todo traçado histórico e metodológico da análise de conteúdo. Sintetizando, a Análise de Conteúdo estrutura-se de forma muito particular seguindo a presente ordenação de fases: Pré-análise, aqui será realizada a seleção do material a ser estudado, bem como sua leitura inicial, reformulação de objetivos, levantamento de hipóteses e reformulação de indicadores; Exploração do material, a fase de exploração dos dados é responsável por criar as categorias de análise; e, por fim, Tratamento dos resultados, etapa em que ocorre a interpretação dos resultados (Bardin, 2016).

Figura 1. Fluxograma do recurso utilizado para selecionar os artigos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

De forma prática, foram extraídos dos artigos as seguintes categorias de análise: (1) Metodologias utilizadas para o estudo da autoestima e recortes amostrais, (2) Fatores de fomentação da autoestima para sujeitos idosos, e, por fim, (3) A relação entre autoestima e qualidade de vida das pessoas idosas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da leitura e análise dos artigos selecionados para integrar a presente revisão, foi possível extrair elementos informativos suficientes para elencar três categorias direcionadas ao aprofundamento da análise dos dados: (1) Metodologias utilizadas para o estudo da autoestima e recortes amostrais; (2) Fatores de fomentação da autoestima para sujeitos idosos; e, por fim, (3) A relação entre autoestima e qualidade de vida das pessoas idosas. Os artigos selecionados para a revisão podem ser visualizados no quadro que segue abaixo (Quadro 1).

Quadro 1. Exposição dos artigos utilizados na revisão

Referência	Objetivo	Metodologia	Resultados
PACHECO, Lenise; CARVALHO, Gustavo. Qualidade de vida e autoestima em idosas submetidas e não submetidas à cirurgia estética. Brasília. Revista Brasileira de Cirurgia	Esclarecer o impacto que a cirurgia estética ocasiona no idoso.	A amostra foi composta por dois grupos, grupo caso e grupo controle, cada um com 25 idosas dispondendo de 60 anos ou mais; O trabalho trata-se de um estudo descritivo tipo caso-controle.	As cirurgias mais realizadas foram a abdominoplastia e blefaroplastia. Não foram encontradas idosas com baixa autoestima, o nível de satisfação com a vida também estava elevado.

Plástica. 2018. Disponível em: Acesso em:			
TEIXEIRA, Cristina et al. Bem-Estar Subjetivo de Longevos Institucionalizados e Não Institucionalizados por meio do Pfister. Passo Fundo: Avaliação Psicológica, 2019. Disponível em: Acesso em:	Investigar o BES de idosos longevos institucionalizados e residentes na comunidade, por meio do TCP, além de componentes relativos à vivência das emoções e à autoestima.	A amostra foi composta por 70 idosos, sendo 55 mulheres e 15 homens com média de 83 anos. Estes foram divididos em dois grupos iguais com 35 participantes cada; O estudo traz o modelo descritivo do tipo caso-control.	As variáveis demográfica, de locomoção e acerca da auto percepção de saúde, que foi categorizada como boa, apresentaram homogeneidade assim como nas de afetividade e cognição. Nas variáveis de afetos positivos e autoestima GI apresentou escores significativamente mais baixos que GNI, já no rastreamento da depressão os escores também se assemelham.
SANTOS, Sheila et al. Efeitos estéticos e de autoestima do peeling para manchas faciais em idosas. Vitória: Fisioterapia Brasil, 2019. Disponível em: Acesso em:	Identificar a influência de peeling químico, no tratamento de manchas faciais e na melhora da autoestima de pacientes idosas.	A amostra foi composta por 20 idosas com idades acima dos 60 anos; Estudo dispõe de cunho aplicado, qualitativo e experimental.	100% das idosas que compunham a amostra apresentaram clareamento geral das manchas faciais e perceptível suavização das linhas de expressão. No tocante a autoestima e autoimagem resultado de melhora também foi unânime.
OLIVEIRA, Daniel et al. Comparação da motivação, autoestima e imagem corporal de idosas praticantes de hidroginástica. Maringá. Saúde e Pesquisa, 2020. Disponível em: Acesso em:	Comparar a autoestima, a autoimagem e a motivação para prática de hidroginástica de idosas de acordo com as condições de saúde	A amostra foi composta por 70 idosas com 60 anos ou mais; O trabalho trata-se de um estudo qualitativo transversal.	Na variável motivação idosas com histórico de quedas mostraram maiores escores, no que se refere a autoestima os maiores escores ficaram destinados a idosas com boa percepção de saúde e que tomam até dois medicamentos, os menores escores de autoestima destinaram-se àquelas com histórico de quedas e maior insatisfação corporal.
SANTOS, Nathila; CARVALHO, Claudia. Dança de salão como ocupação significativa para idosos. Rio de Janeiro. Revista Chilena de Terapia Ocupacional, 2021.	Analisar a dança de salão sob sua forma, função e significado por meio de um relato de experiência, no qual foram consideradas as vivências com idosos em academias e bailes de dança de salão durante o período compreendido entre julho de 2014 a maio de 2018.	Estudo de natureza qualitativa baseado nos relatos dos participantes, assim como nas impressões e observações das autoras.	A dança promove efeitos positivos na autoestima, sexualidade, saúde e contexto social dos idosos.
SANTOS, Karen; BERNARDO, Kátia; ARAÚJO, Luisa. Oficinas terapêuticas com mulheres	Busca por reflexões acerca do fenômeno do envelhecimento da mulher e suas particularidades,	Estudo de natureza qualitativa, descritiva, interpretativa e compreensiva.	O ambiente das oficinas provocou mudanças positivas nas habilidades sociais e pessoais das idosas

velhas: um recorte de gênero, raça e classe. Bahia. Revista Psicologia e Saúde, 2021. Disponível em: Acesso em:	considerando as variantes de gênero, raça e classe.		participantes.
SILVA, Felipe; MENEGALDO, Fernanda; BORTOLETO, Marco. Ginástica para todos: um olhar sobre o desenvolvimento das relações sociais em grupos de idosos. Campinas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2022. Disponível em: Acesso em:	Analisar o impacto da prática da Ginástica Para Todos em grupos de pessoas idosas, no que se refere às relações sociais entre os participantes.	A amostra foi composta por nove idosos, sendo oito mulheres e um homem, com idades igual ou superior a 60 anos, que foram divididos em três grupos iguais de três participantes cada; O estudo possui caráter qualitativo com natureza exploratória.	A variável que apresentou maior impacto foi a socialização, e suas implicações, seguida pela autoestima e seu impacto, a inclusão e acessibilidade vigentes nos grupos possibilitam o engajamento e satisfação para com a prática da GPT.
CRIVELLARO, Alexssander et al. Efeitos do método Pilates na água em idosas: repercussão nos aspectos físicos e emocionais. Santa Maria. Revista Fisiátrica, 2022. Disponível em: Acesso em:	Verificar os efeitos do método Pilates na água na imagem corporal, autoestima, percepção acerca do envelhecimento, equilíbrio postural e força de preensão palmar em idosas.	A amostra foi composta por um grupo de 33 idosas sedentárias e funcionalmente independentes, com idades entre 71 e 75 anos; O estudo trata-se de uma produção com cunho descritivo e experimental.	Inicialmente, da amostra, cinco idosas apresentaram maior risco de quedas e após a intervenção o número caiu para duas, no que tange a dinamometria e imagem corporal não houve diferença significativa; a autoestima mostrou-se satisfatória e a percepção subjetiva sobre envelhecimento propicia qualidade de vida as inclusas.
JÚNIOR, Edison et al. A auto estima está associada à qualidade de vida da pessoa idosa? São Paulo. Revista Brasileira de Enfermagem, 2022. Disponível em: Acesso em:	Analisar a associação entre autoestima e qualidade de vida de idosas.	A amostra foi composta por 519 idosos, de ambos os sexos, com idades igual ou superior a 60 anos e residentes em todo Brasil; O estudo trata-se de um delineamento seccional, do tipo web survey, com abordagem descritiva.	A autoestima esteve associada com todas as facetas da qualidade de vida: habilidades sensoriais; autonomia; atividades passadas e futuras; participação social; morte e morrer, e intimidade.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

3.1 METODOLOGIAS UTILIZADAS PARA O ESTUDO DA AUTOESTIMA E RECORTES AMOSTRAIS

A presente revisão foi elaborada a partir da análise de nove artigos científicos, todos advindos das ciências da saúde, elaborados nas áreas da Enfermagem (1) (Souza-Júnior et al. 2022), Fisioterapia (2) (Crivellaro et al., 2021; Santos et al., 2019); Educação Física (2) (Silva; Menegaldo; Bortoleto, 2022; Oliveira et al., 2020); Cirurgia plástica (1) (Spadoni-Pacheco; Carvalho, 2018); Terapia ocupacional (1) (Santos; Carvalho, 2020); Psicologia (2) (Teixeira et al., 2019; Santos; Bernardo; Araújo, 2021), produzidos originalmente em língua portuguesa nos últimos cinco anos.

Esse movimento evidenciou que a autoestima vem sendo tratada e discorrida, majoritariamente, pelo viés da reabilitação, prevenção de doenças e promoção de saúde. Esse

achado ilustra a existência de maior preocupação com o autocuidado em saúde durante a velhice, o que justifica a crescente e significativa demanda produtiva para essas áreas em questão. A literatura assegura que os maiores escores de autoestima vem sendo atrelados às atitudes positivas em relação à saúde, um indicativo bastante considerável, contudo atrelar o protagonismo investigativo de toda uma temática apenas ao viés da saúde pode ser algo limitante, uma vez que a temática em questão construa-se a partir de uma ótica psicossocial, na qual torna-se necessário que seus aspectos históricos, sociais e culturais sejam considerados, ampliando a perspectiva de análise, ao invés de restringi-la ao quesito de uma melhor saúde física ou mental. Schltheisz e Aprile (2013) defendem que a capacidade auto avaliativa do sujeito se organiza a partir dos sentimentos e pensamentos introjetados durante o processo de formação da sua identidade.

No que tange ao ano de publicação, o que embasou a seleção dos artigos foi um recorte dos últimos cinco anos, então, de 2018 a 2022. Nessa dinâmica, foi encontrado um artigo publicado no ano de 2018, um no ano de 2019, um no ano de 2020, nenhum artigo referente ao ano de 2021 e três artigos produzidos no ano de 2022. Não foram encontradas evidências explicativas para esta crescente nas publicações no ano de 2022.

Concernente aos instrumentos utilizados para coleta e análise de dados, foi possível identificar a utilização de metodologias com abordagem quantitativa e qualitativa. Os estudos quantitativos empregaram delineamento caso-controle (Spadoni-Pacheco; Carvalho, 2018), seccional web survey (SOUZA-JÚNIOR et al., 2022), transversal (Oliveira et al., 2020) e comparativo (Teixeira et al., 2019). Os estudos qualitativos empregaram intervenções como a aplicação de peeling químico (Santos et al., 2019), a prática da dança de salão (Santos; Carvalho, 2020), desenvolvimento de oficinas terapêuticas (Araújo; Santos; Bernardo, 2021) a prática de ginástica (Silva; Menegaldo; Bortoleto, 2022), e prática de pilates na água (Crivellaro et al., 2022).

A análise dos artigos expõe o uso quase exclusivo de um instrumento em particular para avaliar a autoestima dos participantes, qual seja, a Escala de Autoestima de Rosenberg. Apenas um estudo foi desenvolvido utilizando um instrumento diferente para a avaliação da autoestima, o questionário de avaliação de Autoimagem e Autoestima de proposição de Steglich (1978 apud Santos et al., 2019). Entretanto, o estudo de Santos et al. (2019) propôs uma abordagem qualitativa.

A Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), é um instrumento unidimensional criado por Morris Rosenberg (1965), que dispõe da capacidade de classificar o nível de autoestima em baixo, médio e alto, e o faz a partir de dez sentenças fechadas, sendo cinco referentes à “autoimagem” ou “autovalor” positivos e cinco referentes à “autoimagem negativa” ou “autodepreciação”. As sentenças são dispostas no formato Likert de quatro pontos, variando entre “concordo totalmente” e “discordo totalmente” (Sbicigo; Bandeira; Dell’aglio, 2010). As autoras ainda destacam que, apesar de o instrumento direcionar-se a medir a autoestima de forma geral, e em decorrência disso conseguir quantificar os resultados de diversos recortes amostrais, a escala original foi pensada para ser aplicada em adolescentes. Desse modo, qualquer uso fora desse contexto requer adaptação e validação. De acordo com Meurer et al. (2012), a EAR possui duas adaptações para o contexto brasileiro, uma a ser aplicada em adolescentes e outra direcionada a adultos não idosos em situação de pré-cirurgia plástica, sendo esta adaptada e validada por Dini (2000). O estudo de validação conduzido por Meurer et al. (2012) conseguiu verificar que o instrumento possui validade e aplicabilidade para sujeitos idosos, contudo é necessário realizar adaptações em determinados itens, os autores recomendam

que o uso da escala com idosos ativos seja feito com base no construto unitário da escala, encarando-o de forma unidimensional.

O estudo de Souza-Júnior et al. (2022) se propôs averiguar a associação entre autoestima e qualidade de vida das pessoas idosas, desse modo, reuniu uma ampla variedade amostral (n=519) ao selecionar os participantes a partir de uma página de interação social na rede Facebook, isso possibilitou a participação de sujeitos de todo o Brasil além de formular uma amostra heterogênea composta por homens e mulheres, inclusive é o único artigo que dispõe de uma maior participação masculina. O instrumento World Health Organization Quality of Life (WHOQOL-Old) foi aplicado para a avaliação da QV e a Escala de Autoestima de Rosenberg para a avaliação da autoestima.

O estudo conduzido por Crivellaro et al. (2022) voltou-se para o estudo do desempenho físico ao investigar os efeitos do método pilates na água, técnica de exercícios que busca fortalecer o corpo, por meio de alongamentos e pequenos movimentos de resistência, em idosas com foco na repercussão física e emocional. A amostra do estudo se restringiu a mulheres idosas (n=33). Alguns instrumentos foram utilizados como o Body Appreciation Scale (BAS), aplicado para averiguar a imagem corporal, o Aging Perceptions Questionnaire (APQ) foi empregado para examinar a percepção individual acerca do processo do envelhecimento; O Time Up and Go (TUG) destinou-se a observação do equilíbrio postural e mobilidade funcional, o dinamômetro digital destinou-se à verificação da força de preensão palmar e funcionalidade muscular, por fim, a Escala de Autoestima de Rosenberg foi utilizada para avaliar a autoestima.

O viés de análise adotado pelo estudo Spadoni-Pacheco e Carvalho (2018), objetivou averiguar a qualidade de vida e autoestima de idosas submetidas (n=25) e não submetidas (n=25) a cirurgia estética, neste ponto a amostra também se restringiu a mulheres idosas. Foi utilizado o Mini-Exame do Estado Mental (MEEM), o WHOQOL-BREF para avaliar a escala de qualidade de vida, a Escala de Autoestima de Rosenberg e um questionário demográfico.

No estudo desenvolvido por Teixeira et al. (2019) foi investigado o bem-estar subjetivo de longevos institucionalizados (n=35) e não institucionalizados (n=35) por meio do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Por se tratar de um estudo comparativo, o recorte amostral integrou-se de forma mais heterogênea dispondo de mulheres e homens. Como instrumentos específicos foram aplicados o MEEM com o propósito de averiguar o estado cognitivo dos participantes; O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister que orienta-se para a avaliação da personalidade e foi aplicado com o propósito de averiguar os indicadores que relacionam-se ao funcionamento cognitivo e afetivo; A Escala de Afetos Positivos e Negativos foi aplicada a fim de analisar as vivências de afetos positivos e negativos pelos participantes da pesquisa e a Escala de Depressão Geriátrica objetiva mapear sintomas depressivos em idosos e foi aplicada alinhando-se a este propósito e para a avaliação da autoestima foi aplicada a Escala de Autoestima de Rosenberg.

A produção construída por Oliveira et al. (2020), assumiu, enquanto proposta, mensurar a motivação, autoestima e imagem corporal de (n=70) idosas praticantes de hidroginástica. Os instrumentos utilizados consistiram em questionário biosociodemográfico elaborado pelos autores, com o propósito de mapear os perfis sociais e de saúde das participantes, a EAR foi aplicada para medição da autoestima, a Escala de Nove Silhuetas, proposta por Stunkard, Sorensen e Schulsinger, foi aplicada para aferição da imagem corporal e os escores referentes motivação para a prática da atividade física foram quantificados por meio da aplicação do Exercise Motivations Inventory-2 elaborado por Markland e Ingledew, e validado para o contexto brasileiro por Alves e Lourenço.

Quatro estudos propuseram delineamento qualitativo (Santos; Bernardo; Araújo, 2021; Santos et al., 2019; Santos; Carvalho, 2020; Silva; Menegaldo; Bortoleto, 2022). No trabalho desenvolvido por Santos, Bernardo e Araújo (2021), a proposta foi desenvolver oficinas terapêuticas com (n=8) mulheres idosas, esta atuação tomou como base metodológica o trabalho com grupos. As autoras destacam os benefícios trazidos pela atuação da Psicologia dos Grupos pontuando os fatores terapêuticos experienciados no processo os quais inclui a formação de vínculos, transmissão de emoções positivas, compartilhamento de informações entre outros. No decorrer de cada oficina foram abordados temas específicos como racismo, relações conjugais, autoestima e autoimagem, assim como os possíveis medos relacionados a velhice, tudo isso a partir uma perspectiva interpretativa e compreensiva, fazendo uso de recursos manuais, comunicativos e corporais, assim como de ferramentas facilitadoras como músicas, textos, imagens e objetos lúdicos.

O trabalho conduzido por Santos et al. (2019), propôs averiguar os efeitos estéticos e de autoestima do peeling para manchas faciais em (n= 20) idosas. O estudo é apresentado como qualitativo e experimental, enquanto instrumentos foram utilizados questionários estruturados pelos autores a fim de mapear os perfis das participantes e a autoestima foi mensurada por meio do questionário de avaliação de Autoimagem e Autoestima de proposição de Steglich (1978 apud Santos et al., 2019). Esta análise, em particular, apresenta algumas problemáticas básicas em sua construção. Em primeiro plano, sua proposta de análise da autoestima é realizada de forma incompleta, os autores não se preocupam em aprofundar nem contextualizar as discussões acerca dos resultados, apenas apresentam que houve unanimidade na melhoria após a realização do procedimento e expõe tais resultados em uma tabela. O trabalho se atém muito mais a descrever tecnicamente o procedimento realizado, assim como o produto utilizado, do que seus efeitos para as participantes. Ao que parece, o estudo funciona muito mais como uma propaganda para o procedimento de aplicação do Peeling Químico do que uma análise acerca de seus efeitos e implicações para quem o realiza.

Os artigos desempenhados por Santos e Carvalho (2020); Silva, Menegaldo e Bortoleto (2022) objetivam investigar a influência que ocupações significativas e formação de vínculos exercem sobre a autoestima de pessoas idosas. O artigo conduzido por Santos e Carvalho (2020), traz em seu objetivo a proposta de averiguar a dança de salão como ocupação significativa para idosos, neste caso, a amostra também se apresentou heterogênea ao ser composta por idosos de ambos os sexos. Aqui, abordou-se os efeitos da dança na saúde, contexto social, autoestima e sexualidade dos idosos. O trabalho trata-se de um relato de experiência, logo, os meios utilizados para coleta de dados foram entrevistas de profundidade, bem como a observação e impressão das autoras. Entrementes, a análise proposta por Silva Menegaldo, e Bortoleto (2022) assumiu como intuito, averiguar o desenvolvimento das relações sociais em grupos de idosos a partir da prática da ginástica. A participação feminina vigorou de forma significativa e os aprofundamentos abordaram temas como relacionamento no geral, autoestima, acessibilidade, conflitos e discrepâncias, disponibilidade e trabalho, mostrar-se, responsabilidade e compromisso. Como ferramenta de análise, o estudo assumiu a entrevista em profundidade com os participantes, as quais foram gravadas, transcritas e analisadas posteriormente.

No que concerne à população estudada, apenas três dos artigos selecionados discorreram de forma detalhada e satisfatória acerca da caracterização de seus recortes amostrais, os artigos em questão foram produzidos por Teixeira et al. (2019), Oliveira et al. (2021) e Souza-Júnior et al. (2022). Ao mapear os perfis, notou-se que, de forma generalizada, a participação feminina foi dominante, visto que a maioria estudou apenas mulheres idosas (Crivellaro et al., 2021; Spadoni-Pacheco; Carvalho 2018; Santos et al., 2019; Santos; Bernardo;

Araújo, 2021; Oliveira et al., 2020). Os demais artigos, estruturados por Santos e Carvalho (2020); Silva, Menegaldo e Bortoleto (2022), apresentaram maior variedade em seus recortes, mesmo que a presença feminina ainda seja dominante. Apenas o artigo elaborado por Souza-Júnior et al. (2022) contou com maior participação masculina. Isso pode indicar que as mulheres tendem a ser mais engajadas em ações voltadas à promoção de saúde e prevenção de doenças, enquanto os homens estão mais inclinados a buscar os serviços em saúde quando já estão adoecidos (Souza-Júnior et al., 2022). Mas também pode ser um dado a ser problematizado a escolha de se estudar a autoestima em mulheres, como se essa variável fosse um domínio para um gênero em particular.

Em sua maioria, os artigos (5) forneceram informações bastante resumidas sobre suas amostras, explicitando apenas a idade e o gênero respectivamente (Spadoni-Pacheco; Carvalho 2018; Santos et al., 2019 (Santos; Carvalho, 2020; Crivellaro et al., 2021; Silva; Menegaldo; Bortoleto, 2022). Esta conjuntura implica-se como limitação significativa no transcorrer da presente revisão pois impede um entendimento mais amplo e profundo acerca dos recortes amostrais estudados, como também em relação à forma que a temática aparece e desdobra-se em contextos vivenciais diversos. Apesar desse revés, os artigos que forneceram maior detalhamento conseguiram contribuir para a construção de um entendimento basal a respeito dos recortes amostrais.

O estudo conduzido por Teixeira et al., (2019), contou com uma amostra relativamente diversa, também optou por mapear aspectos como situação conjugal, escolaridade, renda, presença de filhos, estado de saúde e capacidade de marcha. Então, desse cenário, foi possível extrair que os participantes, mulheres e homens, apresentaram média etária de 83 anos, são viúvos, em sua maioria, alfabetizados, com diferentes graus de escolaridade, usufruindo de renda fixa, em montantes diversos, com filhos, em sua maioria, e dispendo de escores satisfatórios em estado de saúde, como também capacidade de marcha.

A análise construída por Oliveira et al., (2020) mapeou o perfil de seu recorte amostral abordando fatores etários, conjugais, financeiros, étnicos e de escolaridade. Desse modo, foi possível compreender que o recorte foi composto por mulheres, predominantemente, sem companheiro, com idades entre os 60 e 69 anos, com renda mensal de dois salários mínimos, aposentadas, brancas e com ensino médio ou superior completo.

No artigo estruturado por Souza-Júnior et al., (2022), optou-se por descrever o perfil de sua amostra a partir da análise dos componentes estado civil, religião, coabitação com os filhos, etnia, região de residência, escolaridade e orientação sexual. A partir dessa conjuntura foi possível entender que os membros do estudo, homens e mulheres, expressam idade entre os 60 e 64 anos e são, majoritariamente, brancos e heterossexuais, todos compondo relações afetivas, seja casamento ou outra modalidade de relação, praticantes de religiões cristãs, em sua maioria, o maior número residindo sem os filhos, na região sudeste do país e dispendo de níveis diversos de escolaridade, porém todos alfabetizados. Este artigo, em particular, oferece resultados muito interessantes, ele foi o único a apresentar maior participação masculina, sua modalidade de execução permitiu a participação de membros de todas as regiões do país, além de traçar minuciosamente o perfil característico de sua amostra, com elementos muitas vezes ignorados nos contextos produtivos, tudo isso permite que se construa um entendimento mais rico e diverso acerca da temática.

Embora seja possível identificar marcadas diferenças entre os perfis participantes, alguns aspectos aparecem como pontos de convergência e também merecem atenção. Foi identificado a existência de um padrão para determinadas condições e partindo dessa identificação foi possível traçar a prevalente participação de sujeitos autodeclarados brancos,

assegurados por renda fixa, alfabetizados e com filhos. Todos esses fatores implicam de forma significativa na experiência de cada um, porque produzem determinadas linhas de suporte, como o financeiro e emocional, cruciais em qualquer contexto existencial, além do lugar de segurança que esses sujeitos ocupam socialmente, uma vez que é de conhecimento geral que, historicamente, essas características garantem ao sujeito mais facilidade de acesso a recursos e garantias sociais aspectos que, inegavelmente, implicam em maior conforto e simplicidade vivencial.

O levantamento conduzido por Santos; Bernardo e Araújo (2021) mostra-se fora da curva quando traz a proposta de realizar um recorte de gênero, raça e classe dentro da temática do envelhecimento, o que pode acabar provocando a expectativa de aprofundamento da temática para dimensões socioculturais mais heterogêneas e historicamente marginalizadas. No entanto as autoras, lamentavelmente, não detalham o perfil de seu recorte amostral, apenas mencionam que se trata de mulheres, entre os 60 e 80 anos, distribuindo-se entre casadas, solteiras e viúvas.

Outro ponto a ser mencionado é que, de modo geral, os artigos selecionados não contaram com a participação de sujeitos que apresentassem quaisquer comprometimentos físicos ou cognitivos, por mais diminuto que fosse, esse foi um critério de exclusão de todos os estudos. As motivações para essa construção podem ser entendidas, contudo ela ainda implica em uma limitação significativa para o estudo, pois, mais uma vez, traça um desenho normativo acerca dos participantes. Então, mesmo com as amostras apresentando níveis interessantes de heterogeneidade, ela ainda traz o recorte de uma população imbuída por muitos privilégios sociais, o que limita a compreensão referente a temática em outros contextos sociais.

3.2 FATORES DE FOMENTAÇÃO DA AUTOESTIMA PARA SUJEITOS IDOSOS

Por meio da análise dos dados foi possível identificar que as pessoas idosas avaliadas, presumivelmente, não apresentam autoestima diminuída ou insatisfatória, na realidade este aspecto é suficientemente regular nos estudos destacados na revisão.

O estudo de Souza-Júnior et al., (2022) evidenciou que a autoestima está diretamente associada aos marcadores sociais de etnia, escolaridade e orientação sexual. Nesse contexto, os resultados apontaram que os maiores escores na escala de autoestima está entre os sujeitos autodeclarados pardos, os heterossexuais e aqueles com ensino superior completo, enquanto os menores escores estão entre aqueles autodeclarados amarelos, os bissexuais e os que dispõem de nível básico de escolaridade. Esses resultados testemunham que marcadores sociais podem exercer influência sobre a construção da autoestima.

A identificação que o sujeito estabelece com o meio social atravessa a formação de sua autoestima (Aprile; Schultheisz, 2013). Logo, não é custoso compreender que determinados perfis, principalmente aqueles que fogem do que a sociedade toma como padrão e ideal, podem experimentar os aspectos danosos dessa padronização. Desse modo, é possível inferir que tais resultados potencialmente estruturam-se como produto da discrepante oportunidade de acesso, pois enquanto um grupo detém marcados atributos que lhes asseguram garantias sociais, o outro dispõe de acesso limitado a determinados recursos, oportunidades e serviços por pertencerem a grupos minoritários. E embora sujeitos que compõem uma categoria socialmente minoritária, os pardos, apresentem os melhores escores de autoestima, essa evidência pode estar atrelada ao histórico de luta por espaço, reconhecimento, resgate e empoderamento que este grupo em

específico dispõe, aspecto que pode funcionar como fomentador na construção da autoestima mais do que os apontamentos sociais normativos.

Os resultados encontrados por Oliveira et al. (2020) indicaram que a percepção de saúde, assim como a quantidade de medicamentos utilizados de forma regular, pode exercer influência sobre a construção da autoestima de mulheres idosas. Partindo de seu recorte amostral, foi possível verificar que as idosas com boa percepção de saúde e as que ingeriam até dois tipos de medicamentos diariamente apresentaram os melhores escores de autoestima, enquanto as que utilizam mais de dois medicamentos regularmente ou com percepção de saúde regular ficaram com os menores resultados em autoestima. Os autores destacam que tal achado decorre da percepção de saúde, que mediante ocasiões de adoecimento ou condições de tratamento, acaba sendo prejudicada e, por consequência, abala a autoestima.

A estimulação da interação social por meio de atividades de grupos, também se estrutura como uma intensa fonte de estímulo para a autoestima de pessoas idosas. Em suas análises, Silva, Menegaldo e Bortoleto (2022) como também Santos e Carvalho (2020) revelaram que desempenhar atividades significativas pode trazer grandes benefícios para a autoestima. O estudo de Silva, Menegaldo e Bortoleto (2022) focalizou nos benefícios que a prática de exercícios físicos, no caso a ginástica em grupo, pode trazer para o sujeito e seus reflexos na autoestima. Os resultados apontaram que a prática da atividade física é bastante significativa neste contexto de construção, contudo ela serve como palco para um fator ainda mais potente: a inclusão e interação social.

Por meio da análise dos artigos, foi possível identificar que o ambiente está voltado ao estímulo da socialização, prisma fundamental quando se trata da participação em grupos. Essa interação, por sua vez, age de diversas formas, provocando a construção laços de amizade, suporte social e resgate de si. Foi possível notar que tal conjuntura estimula uma dinâmica de pertencimento e participação na qual ele resgata determinadas particularidades e vivências que experienciou outrora em sua vida: a convivência com pessoas da mesma idade que compartilham demandas e entendimentos semelhantes. Schultheisz e Aprile (2013) defendem que o sujeito, desde o início de sua formação como indivíduo, procura por semelhantes com os quais possa se identificar em valores, estilo de vida e crenças. Outro ponto que se destacou foi a estimulação da individualidade, fazer parte de algo que seja apenas do sujeito e que seja voltado ao seu próprio benefício, uma vez que estas pessoas, principalmente as mulheres, por muito tempo dedicaram seus esforços e recursos ao cuidado com o outro, essa mudança na direção funciona como algo bastante potente. Os resultados encontrados por Silva, Menegaldo e Bortoleto (2022), indicaram que estes elementos provocam significativos sentimentos de inclusão, integração, participação e vinculação, o que, por sua vez, denota uma mudança na forma que esses sujeitos percebem e avaliam a si mesmos.

O estudo desempenhado por Santos e Carvalho (2020), debruçou-se sobre os ganhos que a prática da dança de salão pode trazer para os idosos que a desempenham. Nessa perspectiva, os resultados apontaram que esse cenário evoca um dinamismo diferente ao mencionado anteriormente. Aqui, a socialização também se destaca, porém, advinda de práticas que permitem o toque e, portanto, um contato mais direto com o outro. Por exigir, necessariamente, o contato físico com o outro em sua prática, a dança promove um outro nível de interação social que atravessa aspectos de autoconfiança, atitude, desempenho físico e social, assim como, reações emocionais e fisiológicas. Esse contato convoca o sujeito de um outro lugar, o lugar da sexualidade, isto faz pensar que as implicações provocadas por este contexto também estarão alinhadas em outro sentido. Os autores destacam que a prática da dança promove o encontro do sujeito consigo mesmo ao ponto que estimula o encontro dele com o

outro e esse choque impacta diretamente na forma como o sujeito enxerga e encara a si mesmo. Por meio dos resultados presentes no estudo, é possível obter uma percepção prática acerca de toda explicitação, estes demonstram significativa mudança na autoimagem, autopercepção e autocuidado de mulheres integrantes de grupos de dança, com estas apresentando maiores níveis de confiança em si e vaidade, além de despertar o interesse por ampliar os conhecimentos teóricos acerca da sexualidade.

Experienciar boas dinâmicas afetivas, seja no arranjo familiar ou social, além da participação em grupos e prática de atividades físicas contribui para uma construção positiva da autoestima (Souza-Júnior et al., 2022). Os resultados, em ambos os casos, apontaram para uma direção muito específica: o quão potente pode ser a influência que a interação social e a formação de vínculos significativos podem exercer sobre a dinâmica da autoestima. A literatura defende que a participação em grupos está diretamente relacionada à vivência de boas experiências, porque constrói um ambiente que promove interações singulares há tempo secundarizadas ou esquecidas. O processo de envelhecimento pode provocar um declínio na taxa de interações sociais, algo que acomete o sujeito a uma condição de solidão e até mesmo abandono, a inserção em grupos possibilita a troca e interação com pares da mesma geração (Bulsing et al., 2007). Tal espaço estimula a construção de novas amizades, vínculos afetivos e atuação social, aspectos que contribuem diretamente para a resignificação e manutenção da autoestima de pessoas idosas.

Durante um longo período, foi difundida a ideia de que as reduções que acontecem na rede de contato dos idosos é algo inerente ao processo de envelhecimento. No entanto, Laura Carstensen (1991), renomada pesquisadora norte-americana, estruturou a teoria da seletividade socioemocional que possibilita uma compreensão alternativa e mais ampliada acerca desse ponto. Segundo suas postulações, essas diminuições acontecem em decorrência de uma modificação na perspectiva do idoso, no que ele começa a buscar nas suas relações, o que o torna mais seletivo na hora de construí-las. Ele passa a priorizar relações mais significativas, as quais podem lhe proporcionar acolhimento, bem-estar e segurança, estes aspectos também podem ser encontrados nos grupos de convivência que, em geral, são espaços de fortalecimentos de vínculos, formação de novas amizades, espaço de trocas e de interações positivas.

Foi possível mapear que os estudos sobre envelhecimento ainda priorizam temáticas relacionadas, de modo geral, à saúde física, enquanto as análises que abordam autoestima se voltam, majoritariamente, a outros recortes etários. Fato este que dificultou a fase de seleção dos trabalhos, além de limitar os debates sobre as temáticas. Também foi possível identificar uma acentuada escassez de produções construídas a partir do olhar da psicologia, algo que provoca determinadas questões como: quais estão sendo os embasamentos teóricos utilizados dentro desses estudos em que se discute a autoestima? Analisando-se de forma geral os estudos, percebe-se que há um foco em tratar a autoestima pela perspectiva da autoimagem, que assinala mais uma visão sobre os aspectos físicos, sobretudo quando se pensa nas mudanças corporais bastante discutidas nos estudos sobre envelhecimento. A dimensão psicossocial que agrega o autoconceito, outro fator da autoestima, não parece ser explorado em grande parte dos estudos.

3.3 RELAÇÃO ENTRE AUTOESTIMA E QUALIDADE DE VIDA

O levantamento dos estudos da presente revisão observou que a temática da autoestima frequentemente tem sido tratada em relação ao domínio da qualidade de vida (QV). Segundo a Organização Mundial da Saúde (2013), a qualidade de vida corresponde à percepção do sujeito de sua inserção na vida, no contexto cultural e sistemático referente ao meio em que se insere,

assim como dos valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Variadas facetas possibilitam o entendimento e análise acerca da qualidade de vida, estas abarcam aspectos físicos, cognitivos, sociais e ambientais.

O estudo desenvolvido por Souza-Júnior et al. (2022), contou com a participação de 519 idosos inseridos em variados contextos de experiência, evidenciou que a autoestima se correlaciona de forma significativa com todas as facetas da QV. Os fatores de QV foram retirados do Whoqol-Old que aborda os seguintes fatores: habilidades sensoriais, autonomia, atividades passadas, presentes e futuras, participação social, morte e morrer, intimidade assim como qualidade de vida no geral. A autoestima, por sua vez, foi analisada por meio da Escala de Autoestima de Rosenberg.

Os resultados da análise apontaram para correlações positivas entre autoestima e qualidade de vida, na qual o crescimento da autoestima implica no aumento da qualidade de vida em idosos. Nessa perspectiva foi possível identificar que idosos os quais apresentaram autoestima insatisfatória, também mostraram os escores mais baixos em todas as facetas de QV. Também foi possível identificar como resultado que os idosos, independente da autoestima, manifestaram melhores indicadores de QV na faceta de habilidades sensoriais, este fator destina-se a medir e avaliar a perda dos sentidos principais, visão, audição, paladar e tato, e seu impacto sobre a QV dos idosos. Os autores destacam o protagonismo que tal faceta assume no contexto de vida de cada um, tendo em vista que todas as interações do sujeito com o meio são perpassadas por essas habilidades, qualquer declínio irá influir de forma adversa na QV.

Apesar de a OMS trazer várias discussões em torno da QV, a literatura não encontra um consenso que possa necessariamente definir a QV. De acordo com as postulações de Pereira et al. (2012) o conceito, muitas vezes, é adotado como sinônimo de saúde, felicidade e satisfação pessoal, condições de vida, dentre outros; e seus indicadores vão desde a renda até a satisfação com determinados aspectos da vida. Os autores destacam a complexidade e amplitude do construto, e apontam que um entendimento multidisciplinar sobre a temática pode ser bastante construtivo. Uma vez que a autoestima dispõe de aspectos que estão diretamente atravessados pela percepção do sujeito sobre a sua autoimagem e autoconceito, logo, faz sentido que autoestima ofereça uma dimensão importante para auxiliar na avaliação da qualidade de vida no contexto do envelhecimento. Partindo desse pressuposto, é relevante considerar aspectos como a autoaceitação do idoso considerando as mudanças advindas com o avançar do envelhecimento, a maneira como a pessoa se percebe em meio a sociedade que por vezes nega as oportunidades e os impactos que a dinâmica social oferece nas dimensões intra e intersubjetivas que apreendem as medidas de autoestima.

No estudo conduzido por Spadoni-Pacheco e Carvalho (2018) objetivou-se comparar a QV entre idosas submetidas e não submetidas a cirurgias estéticas (CE). Desse modo, foi possível mapear que das idosas avaliadas, as submetidas à CE apresentaram melhores escores de QV no aspecto ambiental, especificamente nos âmbitos de serviço em saúde e meio de transporte, do que aquelas que não foram submetidas. Partindo da comparação, os resultados ainda indicaram não haver diferenças significativas na QV global ou nos aspectos físico, psicológico e social entre as idosas analisadas, contudo, o desejo de melhoria na QV apareceu, na análise, como fator de motivação para a realização de cirurgias estéticas. Infelizmente os autores não desempenharam maiores discussões acerca dos resultados apresentados, atitude essa que se apresenta como significativo empecilho para outras reflexões e aprofundamentos acerca da temática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente revisão permitiu que obtivéssemos uma perspectiva de como a temática vem sendo abordada. Foi possível identificar que, mesmo a autoestima sendo um construto plural que se estrutura de forma biopsicossocial, a maioria das produções encontra-se concentrada nas ciências da saúde, em específico sendo abordada pela via da saúde física e seguindo uma ótica de promoção de saúde, prevenção de doenças e reabilitação. Tal dinâmica, apesar de contribuir positivamente para o avanço das discussões e entendimentos sobre o assunto, pode exercer determinada limitação sobre tais construções, uma vez que os aspectos históricos, sociais e culturais, fiquem coadjuvantes diante desse cenário.

Além disso, foi possível identificar que a autoestima se estrutura de forma múltipla, sendo influenciada por diversos fatores inerentes à vivência dos sujeitos, além de influenciar aspectos basais da experiência pessoal e social. Quando relacionada ao envelhecimento, ela aparece de forma ativa organizando-se como ferramenta de promoção do bem-estar, qualidade de vida e indicativo de saúde mental.

Ainda que se possa considerar que a finalidade proposta tenha sido atingida, faz-se necessário ponderar acerca de marcadas limitações que foram encontradas nas produções alvo desta pesquisa. A princípio se percebe a escassez de produções que, diretamente, relacionem a autoestima ao processo de envelhecimento. Outro ponto que merece destaque se refere aos recortes amostrais que apresentaram um padrão, estando, majoritariamente, dentro do mesmo perfil de gênero, étnico e sócio econômico, aspecto que impede a generalização dos resultados como também, o entendimento de como a temática se aplica a outros contextos socioculturais.

O uso quase que exclusivo da Escala de Autoestima de Rosenberg para a medição da autoestima também indica uma restrição à disponibilidade de instrumentos para a análise do construto em pessoas idosas. Além de que, mesmo apresentando validade na população brasileira, o instrumento, originalmente, não foi construído para aplicação em sujeitos idosos, assim, possivelmente, o que se mostra mais imperativo neste cenário é a necessidade de se construir uma escala própria para avaliar a autoestima em pessoas idosas. A utilização de metodologias qualitativas para explorar o constructo e definir critérios próprios da avaliação da autoestima de pessoas idosas parece um caminho viável para que consigamos ultrapassar essas dificuldades assinaladas.

Para além dessas, a presente revisão também conta com suas próprias limitações, entre elas encontra-se a exclusiva utilização de estudos produzidos em língua portuguesa e um recorte temporal breve de 5 anos. Então, pode-se pensar que uma ampliação na linha cronológica, assumindo produções anteriores a cinco anos, pode oferecer uma contextualização do histórico de exploração da temática eleita para a revisão. Explorar estudos em outros idiomas também ampliará o campo de análise. A utilização de descritores como autoimagem e autoconceito poderiam ampliar o acesso a estudos que tratam da autoestima.

Por fim, com o presente artigo, espera-se contribuir para a expansão dos conhecimentos e discussões acerca da temática, além de estimular outros pesquisadores a realizarem suas próprias leituras e construções sobre o exposto.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José. Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Novas projeções da ONU. **Revista Longevidade**, jun. 2019.
- ARAÚJO, Ludgleydson; SÁ, Elba; AMARAL, Edna. Corpo e Velhice: Um Estudo das Representações Sociais entre Homens Idosos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 31, n. 3, p. 468-481, jan./mai. 2011.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. **Censo Demográfico 2022 População por idade e sexo Pessoas de 60 anos ou mais de idade Resultados do universo Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**, 2023.
- BULSING, Francine; OLIVEIRA, Kênia; ROSA, Luana; FONSECA, Lunara; AREOSA, Silvia. A influência dos grupos de convivência sobre a autoestima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul - RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 11-17, jan./jun. 2007.
- CANCELA, Diana. **O processo de envelhecimento**. O portal dos periódicos, 2007.
- OLIVEIRA, Anderson. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 31, p. 69-79, mai./out. 2019
- CHAN, Margaret. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Disponível: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 30/05/2023.
- CRIMMINS, Eileen. Tempo de vida e tempo de saúde: passado, presente e promessa. **The Gerontologist**, v. 55, n. 6, p. 901-911, nov. 2015.
- CRIVELLARO, Alexssander; TAVARES, Deise; SANTOS, Tamires; VENDRUSCULO, Alecsandra. Efeitos do método Pilates na água em idosas: repercussão nos aspectos físicos e emocionais. **Acta Fisiátrica**, v. 29, n. 1, p. 25-30, 2022.
- FELICISSIMO, Flavianne; FERREIRA, Gabriela; SOARES, Rhaisa; SILVEIRA, Pollyanna; RONZANI, Telmo. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 116-129, jan./abr. 2013.
- FRANCO, Adriana; DAVIS, Claudia. Autoestima: gênese e constituição de um atributo construído socialmente. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.13, n.1, p.99-118, jul./dez. 2011
- 2011.
- GALVÃO, Maria; RICARTE, Ivan. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p. 57-73, set.2019/fev. 2020
- GIRALDO, Katheryn; HOLGUÍN, Maria. Autoestima, um processo humano. **Revista Eletrônica Psyconex, Medellín**, v. 9, n. 14, 2017.
- GUERRA, Ana; CALDAS, Célia. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.
- IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. Uberlândia: IBGE, 2022.
- MOTTA, AB. Visão antropológica do envelhecimento. In: Viana de Freitas E et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p. 78-82.
- MEURER, S.T.; LUFT, C.B.; BENEDETTI, T.R.; MAZO, G.Z. Validade de construto e consistência interna da escala de autoestima de Rosenberg para uma população de idosos brasileiros praticantes de atividades físicas. **Motricidade**, v. 8, n. 4, p. 5-15, 2012.

OLIVEIRA, Daniel; JORDÃO, Adrieli; FRANCO, Maura; BATISTA, Roseana; NASCIMENTO-JÚNIOR, José; BERTOLINI, Sonia. Comparação da motivação, autoestima e autoimagem de idosas praticantes de hidroginástica. *Revista Saúde e Pesquisa*, v. 13, n. 4, p. 733-741, Maringá, 2020.

PALÁCIOS, J. Mudança e Desenvolvimento Durante a Idade Adulta e a Velhice. IN: C. Coll, J. Palácios; A. Marchesi. **Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva**. v.1 2a .Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, Érico; TEIXEIRA, Clarissa; SANTOS, Anderlei. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.2, p.241-50, abr./jun. 2012.

PARIOL, Carolina; BOVOLINI, Tatiana; SARDINHA, Luís; LEMOS, Valdir. A influência da autoestima no processo do envelhecimento: uma visão da psicologia. *Revista Diálogos Interdisciplinares*, v. 8, n. 1, 2019.

SANTOS, Flávia; ANDRADE, Vivian; BUENO, Orlando. Envelhecimento: um processo multifatorial, **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 3-10, jan./mar. 2009.

SCHULTTHEISZ, Tais; APRILLE, Maria. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2013.

VASCONCELOS, Helena. Autoestima, autoimagem e constituição da identidade: um estudo com graduandos de psicologia. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 195-206, ago. 2017.

SANTOS, Nathila; CARVALHO, Claudia. Dança de salão como ocupação significativa para idosos. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 20, n. 2, p. 293-302. dez. 2020.

SANTOS, Karen; BERNARDO, Kátia; ARAÚJO, Luisa. Oficinas terapêuticas com mulheres velhas: um recorte de gênero, raça e classe. **Revista Psicologia Diversidade e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 282-295, Salvador, 2021.

SANTOS, Sheila; MUNALDI, Marília; OLIVEIRA, Fabiola; MELOTTI, Delger; PIMASSONI, Lucia. Efeitos estéticos e de autoestima do peeling para manchas faciais em idosas. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 4, p. 526-533, 2019.

SILVA, Felipe; MENEGALDO, Fernanda; BORTOLETO, Marco. Ginástica para todos: um olhar sobre o desenvolvimento das relações sociais em grupos de idosos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 30, n. 1, 2022.

SOUZA-JÚNIOR, Edison; CRUZ, Diego; SIQUEIRA, Lais; ROSA, Randson; SILVA, Cristiane; BIONDO, Cristiane; SAWANDA, Namie. A Auto Estima está associada à qualidade de vida da pessoa idosa? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 4, 2021.

SBICIGO, Juliana; BANDEIRA, Denise; DELL' AGLIO. Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez. 2010.

SILVA JUNIOR, Edivan; EULÁLIO, Maria. Resiliência para uma Velhice Bem-Sucedida: Mecanismos Sociais e Recursos Pessoais de Proteção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e234261, p. 1-16, 2022.

SPADONI-PACHECO, Lenise; CARVALHO, Gustavo. **Qualidade de vida e autoestima em idosas submetidas e não submetidas à cirurgia estética**. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 33, n. 4, p. 528-535, 2018.

SOARES, Narciso; CORREA, Bianca; FONTANA, Rosana; GUIMARÃES, Carine; SILVA, Alessandra; RODRIGUES, Francisco. Sentimentos, expectativas e adaptação de idosos internados em instituição de longa permanência, **Revista Mineira Enfermagem**, 2018.

TEIXEIRA, Cristina; SCORTEGAGNA, Silvana; PASIAN, Sonia; PORTELA, Marilene. Bem-Estar de Longevos Institucionalizados e Não Institucionalizados por meio do Pfister. **Avaliação Psicológica**, v. 18, n. 1, p. 86-95, 2019.

AGRADECIMENTOS

À mim, primeiramente, agradeço por ter persistido e acreditado mesmo diante de tantas adversidades e empecilhos. Apesar de todo suporte recebido, ainda foi um longo e árduo caminho no qual mantive-me firme por acreditar em um sonho.

À minha mãe, Maria, que sempre esteve ao meu lado e foi amparo de todas as formas que alguém pode ser. Que a todo momento acreditou em mim, no meu potencial, movendo todos os recursos possíveis para tornar realidade algo que parecia tão distante, quase impossível. Conheço seu orgulho nesse momento, e ele só está sendo possível graças ao seu esforço e dedicação para me criar com todo amor e carinho. Sua força, determinação e afeto são minha maior fonte de inspiração. Muito obrigada, minha mãe!

À minha irmã, Ariane, que vem sendo fonte de acolhimento, carinho e cuidado desde que nasci. Todo tempo esteve ao meu lado auxiliando em tudo que podia. Seu carinho torna minha vida mais fácil.

Às minhas primas, Daiane e Natalice, que durante esse percurso tornaram-se, pra mim, irmãs. Daiane me acolheu na sua casa com muito afeto e amparo, enquanto Natalice sempre foi colo para conversas longas e cheias de significado, tudo isso tornou meu processo mais fácil e significativo. Minha mais profunda gratidão.

À minha querida dupla, Iasmin, companhia no curso e para além dele. Sua amizade é, sem dúvida, o melhor presente que a UEPB poderia ter me dado. Você foi determinante em diversos momentos, sua amizade melhorou tudo e se tornou fonte de motivação durante todo o curso. Seu acolhimento, suporte e cuidado tornaram tudo mais leve e feliz.

Ao meu querido amigo, Danilton, que foi luz em um momento de extrema vulnerabilidade. Conseguiu me convencer de realizar a matrícula no curso, atitude determinante nesse processo. Muito obrigada, querido amigo!

À minha querida amiga Jordânia, a mais antiga, a que esteve presente desde o início, sempre acreditando e me incentivando. Jó, você foi essencial, muito obrigada!

Às minhas demais amigas que sempre acreditaram e torceram por mim, sendo amparo e alívio nos momentos difíceis, agradeço.

Aos demais familiares e conhecidos que de alguma forma contribuíram para que esta formação fosse possível, facilitando todo processo e viabilizando que tudo isso acontecesse, meus mais profundos agradecimentos.

Ao meu estimado professor e orientador, Edivan Gonçalves, por todos os ensinamentos, contribuições e, desde o início, acolhimento. Por ter confiado na viabilidade e potência da minha ideia, e, principalmente, pela disponibilidade, paciência, respeito e suporte. Sua atitude tornou tudo mais fácil e leve, não poderia ter escolhido um orientador melhor.

Aos demais professores da graduação, em especial Juliana Gama, Emilly Gaião, Josevania da Silva, Regina Celia, Thiago Fernandes, Viviane Bezerra, Valéria Morais, Luann Glauber e Pamela de Souza, que me acompanharam durante este transcurso, contribuindo ativamente para minha formação profissional e enquanto pessoa.

E aos demais funcionários da UEPB por todo cuidado, gentileza, segurança e serviços prestados, agradeço